

PARA VIVER A UNIVERSIDADE:

### - A LIBERDADE ENTRE A OUSADIA E A HUMILDADE

Ao longo de minha existência de 76 anos, sempre que me atinge um evento significativo -positivo ou negativo - automaticamente promovo uma regressão às minhas raízes: à minha Terra e à minha Gente. Quando dei por encerrada minha carreira nesta Faculdade (1987) dediquei parte dos três anos seguintes a refletir, pesquisar e recordar sobre a saga de quatro famílias em quatro gerações, ao longo de um século (1850-1950) no longínquo Piauí. Uma espécie de memorialismo ampliado para as realidades naturais, das chapadas do Meio Norte, mais as sóciopolíticas e históricas, dentro das quais fui gerado e criado até os 18 anos quando - dentro dos quadros das fatalidades nordestinas - migrei para o sudeste. Naquele momento em que eu dava um balanço geral em minha vida e procurava avaliar se cumpria a missão de indivíduo e cidadão, o mergulho foi bem mais amplo e profundo. Dentro do critério da "opulência nacional" e de minha vocação para o "caudaloso" aquilo resultou numa obra migatérica, estruturada em cinco volumes, pleno de documentos e ilustrações, num total de cerca de duas mil páginas.

Seguiu-se um período em que me apartei das reflexões existenciais e mergulhei nas profissionais. Isto levou-me à uma reflexão autocrítica sobre o meu desempenho como geógrafo, especialmente no âmbito da docência universitária. Disto resultaram dois volumes e uma pequena série de artigos, com os quais eu tencionava "passar o bastão" aos meus ex-alunos e orientandos (13 mestres e 8 doutores) nesta Faculdade, após 20 anos de atuação acadêmica (1968-1987).

Ao ter notícia da autorga do honroso título que me está sendo feita nesta solenidade, minha primeira lembrança fluiu em direção a meu pai. Em meio a uma família notavelmente acolhedora e amorosa, a viga mestra, ou seja, a figura paterna revestiu-se de um caráter bem singular. Tive um pai padrasto. Ele infundiu em mim uma timidez quase mórbida e uma insegurança profunda, que, de uma atormentada adolescência acompanharam-me pela maior parte da minha "travessia".

A comunicação feita pelo Diretor desta casa, datada de 27 de maio, quando me encontrava em Florianópolis participando da 24ª Semana de Geografia no Depto. de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina, caiu-me às mãos, de volta a Campinas a 1º de Junho. Atendendo a um compromisso no Rio de Janeiro (03.6) estava naquela cidade no dia 05 de junho. Aquela data era o centenário de nascimento de meu pai, nascido em 1903. Às 17 hs encontrava-me na Praça de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, em frente à Igreja que era freqüentada por minha mãe. Entrei no templo católico no exato momento em que o sacerdote chegava ao altar para a celebração da missa. Acompanhei a missa rezando para o meu pai. Seria aquilo um rito solene de "perdão"? Certamente que não, pois eu já o havia perdoado anos atrás, aos pouquinhos, até que de forma completa, ao findar o quarto volume da obra a que me referi atrás e que, ainda inédita, rotulei de "Rua da Glória" (1992). Cientifiquei-me de que, naquele momento eu celebrava, antes, um rito de "agradecimento". Ele preconizava que eu não tinha aptidões, fraco que era, destituído de todo aquele arsenal de "méritos" para bem suceder na vida. Foi um desafio a que me propus enfrentar, desde que saí de casa, na minha Teresina, aos 18 anos de idade, (sem qualquer ajuda paterna mas com o apoio e estímulo da família).

A timidez foi sendo penosamente vencida por quem tinha que sobreviver na grande cidade do Rio de Janeiro, no momento imediato ao pós-guerra e sobretudo quando, no meado dos anos cinquenta, iniciei minha carreira docente. Um professor não se pode permitir o luxo da timidez em face de turmas de jovens. Mas ela me perseguiria, com marcas bem sensíveis, até na minha carreira acadêmica. Entusiasma-me hoje em dia, ver alunos, pós graduandos - e mesmo graduandos -apresentando comunicações de suas investigações em semanas de Geografia e mesmo nas Assembléias e Congressos de Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Eu só viria a ousar expor-me na AGB - à qual me integrara como sócio cooperador desde 1949 - na Assembléia Geral do ano de 1962, realizada em Penedo, Alagoas. Fora proclamado Sócio Efetivo na Assembléia de Londrina de 1961, quando já acumulava a publicação de alguns artigos publicados em revistas nacionais e latino americanas.

A insegurança foi dando lugar a uma rigorosa insatisfação com o que conseguia produzir e uma acerbada autocrítica. A cada "cometimento" seguia-se um esforço de atingir algo menos mau, dissipado de erros de forma ou de conteúdo, algo revestido de algum merecimento. A negação de "mérito" que meu pai me atribuíra, na minha adolescência viria a sofrer uma revisão, da parte dele, quando comecei a projetar-me na comunidade geográfica do país. E ele, orgulhosamente, atribuíra a si próprio, aos seus méritos de "educador", a causa desse possível sucesso. E essa autocrítica e severidade de julgamento da minha produção atravessaria toda a minha vida acadêmica. A prática ininterrupta da elaboração de relatórios circunstanciados de toda a minha atividade e produção anual, nas instituições por onde passei e especialmente aqui na USP, podem documentar este fato.

Tal era a minha preocupação em ser um professor e pesquisador honesto e decente que aquilo se desdobrava em uma paulatina e progressiva ascensão conquistada ano a ano. Ao analisar e construir gráficos do aproveitamento docente, ao final de cada ano letivo, os maus resultados eram sempre atribuídos ao meu desempenho, e ao planejar as atividades do ano seguinte eu ensaiava novos procedimentos de conteúdo e desempenho. Tal preocupação tornava precária a impressão de julgamento que minha atividade produzia nos meus alunos. Parecia-me que a opinião deles sobre o meu desempenho docente era de respeito; desconfiava que me achavam "muito exigente". Não me ocorria que eles me amassem.

A Universidade sempre foi encarada por mim como algo superiormente sagrado, e ao almejar nela ingressar, ao prestar exame vestibular para o Curso de Geografia e História na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, (1947) eu o fazia como a única via possível de ser trilhada por mim, para "vencer na vida". No vestibulo da Universidade Brasileira, ainda jovem e sem lastro e tradição, eu sentia um fascínio comparável àquele do personagem de Thomas Hardy em seu "Jude, the Obscure". O magistério sempre me fascinou, em grande parte por causa de minha mãe, devotada professora primária no Piauí. Sempre manifesto que, malgrado a indissolubilidade de relação "docência - pesquisa" na Universidade, se eu tiver que ser lembrado, prefiro que a tarefa do professor - ato afetivo de doação e amor - suplante aquela do pesquisador.

Experimentei outros institutos universitários brasileiros até chegar, em 1968 após haver conquistado a titulação de Doutor - aqui na Universidade de São Paulo, a qual servi durante duas décadas (1968-1987). Aqui conquistei os demais graus acadêmicos livre-docente (1975), Professor Adjunto (1978) até Professor Titular (1987). Consciente e deliberadamente aposentei-me aos 60 anos de idade quando, desconfiando que principiaria a faltar-me o fôlego para o bom desempenho de minha docência, desejava deixar uma "boa imagem" de minha passagem por esta Faculdade além de querer abrir espaço para os mais jovens.

Não consegui parar de estudar e produzir. Jamais senti-me um "inativo". Algumas circunstâncias levaram-me a aceitar o convite de uma Universidade (Particular Confessional) Japonesa que em 1992 iniciara um curso de Estudos Brasileiros: a Universidade de Tenri, na província de Nara. Ali atuei por dois anos (1995-1997). Ao retomar pensava haver merecido o "esquecimento" da comunidade acadêmica e dos geógrafos do meu país. Bem ao contrário, passei a ser crescentemente solicitado e homenageado com carinhosas manifestações: Salvador; Curitiba; Rio Claro; São Paulo (FFCCH-USP Pós Graduação); Florianópolis; Londrina... E como coroamento dessas carinhosas manifestações setoriais a Universidade Federal do Rio de Janeiro - sucessora da minha "alma-mater" Universidade do Brasil - conferiu-me o título de Doutor HONORIS CAUSA. Acreditava haver chegado a um patamar por mim insuspeitado. Agora, a FFCCH-USP promove esta ascensão máxima.

Todo esse longo rodeio para declarar, aqui nesta solenidade, a minha profunda emoção. Quando meu pai prognosticou a minha completa falta de "méritos" para enfrentar a vida, eu, escolhendo a nobilíssima e difícil profissão do magistério, vejo-me hoje nessa solenidade, galardoado com o título de Professor Emérito da mais importante Universidade do Brasil. Por ocasião da cerimônia de outorga de Doutorado Honoris Causa no Rio de Janeiro, prestei homenagem a todos os geógrafos amigos cujo suporte fora precioso para a minha formação. Agora vou ater-me àqueles que foram responsáveis pelo meu ingresso na Universidade de São Paulo. O Professor João Dias de Silveira - que me introduziu na vida universitária em Florianópolis e Rio Claro - sempre me estimulava e dizia que minha meta devia ser a USP. Ao aqui chegar, não posso esquecer a gentileza da acolhida por parte do então diretor da FFCCH-USP o saudoso Professor Eurípedes Simões de Paula. Do Professor Ary França mereci boa acolhida no então Instituto de Geografia, designando-me para a direção do Laboratório de Climatologia. Mas devo ressaltar o meu maior débito de gratidão ao Professor Aziz N. Ab'Saber. A ele devo uma segura e valiosa orientação no meu doutorado (1967). Dele recebi o convite para Assistente Doutor junto à Cadeira de Geografia Física, sob seu encargo (1968). Durante os dezessete anos em que trabalhei em sua companhia mereci do querido mestre e amigo o mais irrestrito apoio. Desde a confiança e liberdade absoluta que me concedia nas lides docentes e de investigação até no empenho em publicar aquilo que produzi.

Expresso os meus agradecimentos aos colegas de Departamento de Geografia dessa Faculdade pela sugestão do meu nome para receber essa preciosa honraria, e à Egrégia Congregação dessa Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas por me havê-la concedido.

Ao observar o magnífico elenco que compõe a galeria dos Professores Eméritos desta Casa, tanto no âmbito do meu Departamento - os meus irmãos geógrafos - quanto no conjunto da Faculdade, sinto-me extremamente honrado. Saúdo, com o mais profundo respeito, todo o elenco dessa ilustre confraria para o seio da qual fui nomeado. Tomo a liberdade de eleger um dos seus membros, como símbolo de cabal representação da categoria: o ilustríssimo Professor Doutor Antonio Candido de Mello e Souza. Este notável intelectual brasileiro representa, para mim, o ícone maior da Universidade Brasileira. E eu fui enormemente enriquecido por haver fruído de uma feliz convivência funcional de dois anos na Comissão de Pós Graduação desta casa.

O ingresso na galeria dos Eméritos desta Faculdade parece já haver firmado uma tradição pela qual o ingressante em sua oração proferida na sessão solene de Congregação trata de um tema de relevância à cultura acadêmica ou à problemática nacional. Já tenho lido peças de notável "sapiência" por alguns dos que me precederam. A bem da verdade, não pretendo alçar-me a um tal patamar. Meus atributos básicos já apontados (timidez e insegurança) aconselham-me a recorrer a um tema relativo a meu esforço pessoal para ser um digno membro da comunidade acadêmica. Sem que essa pretenda ser tido como "conselho" mas tão somente indicação dos parâmetros básicos em volta dos quais me escudei para esta "travessia". Assim proponho-me aqui abordar o seguinte tema. PARA VIVER A UNIVERSIDADE: A LIBERDADE ENTRE A OUSADIA E A HUMILDADE.

A LIBERDADE é o bem mais precioso que se possa alcançar, posto que não é disponível em termos absolutos. Os que me conhecem sabem de minha paixão pela Antigüidade Clássica e a Mitologia Greco-Romana. Fascina-me o mito de JANUS (Janio), entidade bifacial com máscaras voltadas para frente (futuro), para traz (passado), para dentro (auto-afirmação); para fora (integração). Toda personalidade humana é centrada no equilíbrio desses "opponentes complementares". No meu caso específico eu me identifico com um maior peso da face interior, aliada ao preceito socrático de "conhece-te a ti mesmo" e o empenho na conquista da liberdade moral. Para um professor - sobretudo para um geógrafo - seria prejudicial um mergulho absoluto neste afã de auto afirmação interiorizada. É indispensável a abertura para o exterior, não só para a integração no contexto plural (social) em que se insere, mas sobretudo na "curiosidade" aristotélica que impele para desvendar os segredos do mundo e produzir o conhecimento (epísteme).

É certamente muito difícil atingir o equilíbrio nesta delicada balança. No meu caso pessoal acho que empreguei 80% da minha energia em reverter a orientação interior da máscara para satisfazer parte da imensa curiosidade do meio exterior, sem sucumbir totalmente ao peso de um total compromisso integrador.

Por duas vezes em minha vida deparei-me com a necessidade de decidir entre duas tendências. Em 1955, já então geógrafo do Conselho Nacional de Geografia, (IBGE), optei pela carreira universitária iniciada em Santa Catarina. Outra vez, em 1967, tive que escolher entre retornar à minha posição de geógrafo-pesquisador naquele órgão federal, ou vincular-me definitivamente à vida universitária na USP. Em ambos os casos preferi a Universidade, como provedora daquilo que me parecia mais relevante: a liberdade. E por todas as experiências universitárias pelas quais passei: Florianópolis, Rio Claro, Brasília, pude fruir daquele privilégio. Mas certamente foi na Universidade de São Paulo, nesta Faculdade, que pude beneficiar-me plenamente da liberdade. Liberdade temática e técnica (conteúdo e forma) na docência, mas também liberdade de ação complementar, fosse para

relacionar-me com outras instituições, para que sem prejuízo para meus compromissos de servidor em regime de tempo integral, eu colaborasse em assessoria a projetos de pesquisa, fosse para atender a um sempre presente anseio de atualização, sendo autorizado a participar de eventos e fóruns geográficos internacionais. Durante 12 anos (1976 a 1988) compareci, sem falha, a reuniões anuais de comissões da União Geográfica Internacional a que me filia.

Mas o privilégio da liberdade, para ser dignamente fruído deve reverter em concessão a seus próximos. Nunca atuei como um vendedor de verdades indiscutíveis nem científicas e muito menos ideológicas. Preocupe-me sempre em mostrar minhas simpatias e vinculações teóricas e práticas, apontando outros encaminhamentos e deixando aos alunos o encontro dos seus próprios caminhos. Tal postura se refletiu sobretudo na minha maneira de elaborar exercícios didáticos e provas de aproveitamento. Para mim, era um prazer especial procurar maneiras diferentes de avaliar o aproveitamento discente. Sei que escandalizei alguns colegas mas, em retorno, obtive a simpatia dos meus alunos que -embora não estivessem habituados a tal concessão de liberdade - aprovavam o modo como eu procurava sondar o aproveitamento deles. Especialmente na tarefa de orientação na Pós Graduação esse espaço de liberdade é necessário. Mesmo em torno de um Projeto de Pesquisa, multiplicado em várias sondagens conduzidas por diferentes orientandos, compartilhando um mesmo paradigma teórico e algumas operações técnicas, é conveniente conceder ao orientando uma alentadora de liberdade de ação investigadora bem como a estruturação formal da dissertação ou tese resultante. O professor poderá assim libertar-se do perigo de construir "robots" e conceder o direito do discípulo até mesmo ultrapassar o mestre.

A OUSADIA é outro atributo complementar da liberdade que não deve ser entendida na semântica de atrevimento e insolência, mas necessariamente bravura e coragem para promover inovações. Malgrado as marcas de timidez e insegurança iniciais, creio que consegui alguma ousadia. A esse propósito posso colher dois exemplos, um no início outro no final de minha carreira.

Na segunda metade dos anos cinqüenta, iniciando minha atividade universitária na então Faculdade Catarinense de Filosofia, em Florianópolis, recordo bem de um diálogo que mantive com uma querida colega - Maria Cecília França, aqui presente - analisando nossa imensa responsabilidade. Dizia Cecília, muito escrupulosa e honesta, do seu constrangimento de ver-se improvisada professora universitária no Brasil quando comparava o quadro nacional com aquele que, como bolsista, acabara de fruir na Universidade de Bordeaux, França, recebendo aulas do insigne deão daquela instituição, o Professor Louis Papy. Eu lhe dizia que me via afligir pelos mesmos escrúpulos mas que devíamos compensá-los com um enorme esforço de estudo para desenvolvermos um trabalho honesto que certamente não estaria no nível das universidades de São Paulo e Rio de Janeiro. No meio do século passado, a Geografia feita no Brasil já despontava com méritos que a capacitaram a realizar um Congresso Internacional de Geografia, ainda hoje lembrado como um dos mais bem organizados e brilhantes. Nós, mais jovens (completávamos nossos trinta anos) não nos ombreávamos nem mesmo com os mestres daqueles dois centros mas devíamos esforçar-nos para colaborar nos centros provincianos e promover nossa pós-graduação nos centros maiores, sobretudo na USP onde o doutoramento em Geografia já se efetivara desde 1944 com a titulação de minha saudosa amiga Dra. Conceição Vicente de Carvalho.

A experiência fruída em Santa Catarina, naquela faculdade (particular com subvenção do Estado) improvisou o jovem que eu era em Professor Catedrático Contratado de Geografia Física; Membro de Conselho Técnico Administrativo da Faculdade e Chefe de Departamento de Geografia.

Principiei assim, "*malgré moi*", por onde se acaba, o que me vacinou, daí por diante, contra qualquer veleidade de atingir aquele ilusório status de "poder" na burocracia universitária, pelas outras universidades por que passei.

Duas décadas após, nos anos setenta, já na Universidade de São Paulo, os dois amigos Maria Cecília e Carlos Augusto, ousavam tratar temáticas geográficas inovadoras. Ela com um estudo pioneiro em sua tese de doutorado sobre Pequenos Centros Religiosos em São Paulo e seu papel na organização do espaço e eu, como tese de livre-docência, propondo um referencial teórico - desviado dos modelos europeus e americanos - para a análise dos Climas Urbanos no Brasil. Sem dúvida uma ousadia, quicá uma "audácia".

Mas a liberdade conquistada assegurou-me o direito á ousadia em várias feições docentes. Tanto na proposição da temática, cujo conteúdo - embora norteado pelas diretrizes curriculares - era proposto através de um viés pessoal e sobretudo ousando formas novas de tratamento didático. Estou certo que, sobretudo nos últimos anos de minha atuação no Departamento de Geografia, avancei muito no campo de inovações. Aposentando-me aos sessenta anos, eu me pergunto se, caso tentasse prosseguir até a "compulsória" eu não teria corrido o risco de ser internado num manicômio.

A HUMILDADE, focalizada como a conscientização das nossas próprias "limitações", deve revestir-se dos hábitos da modéstia e simplicidade, antídotos contra a arrogância, a imponência, o orgulho e a soberba. A minha conscientemente assumida dobradinha de timidez - insegurança vacinou-me contra esses últimos atributos. Assim como não procurei isolar-me em nenhuma "torre" na vida acadêmica, sempre procurei nivelar-me, na vida social, ao patamar dos meus interlocutores. As vestimentas de "intelectual" e "cientista" foram trajes que nunca me caíram bem.

Nessa postura fui muito ajudado pelo filósofo Paul Feyerabend que, irreverente como sabia ser, caçoava do empolamento cientifisante dos sexólogos americanos Master & Johnson e exibia a simplicidade do grande Galileo Galilei (1564-1642). Mostrava que o sábio físico escrevera parte de sua obra em língua italiana quando a praxe acadêmica da época exigia o uso erudito do latim. Tal simplicidade do grande sábio reflete-se inequivocamente nos seus famosos "Diálogos e Demonstrações Concernentes a Duas Novas Ciências" (1638) em que exalta nas oficinas venezianas a obra dos mecânicos na fabricação continuada dos variados aparatos e maquinaria, admitia haver, entre eles, alguns a quem "*em parte por herdada experiência e em parte mercê de suas próprias observações, adquiriram grande perícia e compreensão na explicação das coisas*".

Outro exemplo, apontado por Feyerabend, e por mim perseguido em outras fontes, foi Paracelso (1490-1541) que chegou a admitir que nem tudo que o médico necessita saber se ensina nas academias. E preconizava que *"De vez em quando deve-se consultar as anciãs, a esses tártaros chamados ciganos, aos magos itinerantes, aos velhos camponeses e a muitos outros que, habitualmente, se despreza. Deles pode advir conhecimento, pois esta gente sabe mais de tais coisas que todos os colégios superiores"*.

Meus alunos riem quando eu lhes dizia que a Geografia no conjunto das diferentes campos do conhecimento poderia pedir permissão a divisa da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. Nem melhor nem pior que as outras escolas, apenas uma escola "diferente". Diferença que não quer significar superioridade. A aura de diferença do Salgueiro reside no fato de que ela tem sido muito renovadora no carnaval carioca. Na Geografia, acho eu, que sua diferença reside no fato de que, em qualquer classificação epistemológica ela escapa da preocupação em ser "natural" ou "social", "hard" ou "soft" science. Sua diferença repousa no seu caráter conjuntivo o que a mantém em vínculo estreito com a Filosofia.

Nossa Geografia tem sido sempre um domínio "aberto" do que a nossa própria Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB deu exemplo desde sua fundação nos idos de 1935 quando irmanou Historiadores, Geólogos, Engenheiros, Advogados e vários outros estudiosos. Abertura que se confirma na atualidade no nível da pós-graduação em nossas universidades, especialmente nesta casa, onde se acolhem agrônomo, arquitetos e muitos outros professores.

Passando da Geografia ao Geógrafo sempre procurei cultivar a humildade como esteio da prática educacional. Em vez de me apresentar como sábio sempre fiz questão de exibir minhas limitações. Na pós graduação, quando atravessamos as revoluções teóricas - quantitativa eu encaminhava meus orientandos ao Departamento de Estatística (no que fomos sempre bem atendidos), e até mesmo em seminários disciplinares eu recorria a alunos bem dotados em matemática para nos ensinar - a mim e aos colegas - certos conceitos e operações que eu não poderia assumir. Psicologicamente acho que é muito benéfico que um discípulo veja, através das limitações do mestre e tenha consciência de que o aprendizado é algo que se abre para toda uma vida.

A propósito do lançamento do meu trabalho "Geossistemas - História de uma Procura" alguns ex-alunos, atuais amigos, manifestaram espanto ante a minha explícita "simplicidade". Naquela obra eu assumi deliberadamente o propósito de demonstrar que não "descobri a pólvora" Antes queria revelar a evolução de uma idéia pessoal ante o fluxo de informações e reflexões recebidas de outras fontes. Creio que em tempo de internet e xerox há que ser honesto e não tentar apropriar-se de idéias de outros.

Outra manifestação salutar de humildade-simplicidade, no caso da Geografia, *parece-me aquela* de - em pé de igualdade com o que é dispensado ao geógrafo profissional, pesquisador, "cientista" - conceder igual atenção ao futuro "professor de Geografia", quando mais não seja, pelo simples fato de que a grande maioria de nossos alunos acaba atuando no ensino médio. Tal atitude está intimamente solidária com a política de que se a Geografia é importante como campo de investigação ela é (tem sido e será) importante como veículo de Educação.

Se os geógrafos anseiam por projeção profissional, almejam o invejado estatuto de tecnocratas a serviço do poder público - o que tem sido difícil de conquistar entre nós - não tem por que se envergonhar da nobilitante e heróica tarefa de usar a Geografia na Educação. Crianças e até mesmo adolescentes não encontram Economia, Sociologia, Geologia, Mineralogia em seus currículos. Eles são lentamente introduzidos a estas ramos do conhecimentos pelas disciplinas aglutinadoras e conjuntivas como a Geografia, a História, as Ciências Naturais.

Assim é que nossos Departamentos de Geografia, a despeito de sua possível sobrecarga de trabalho, deveriam abrir-se não só a contatos mais diretos e íntimos com a Faculdade de Educação, como proporcionar cursos de atualização e reciclagem à sofrida e heróica categoria dos professores dos graus inferiores de ensino. Em minha rápida passagem pela direção do expirante Instituto de Geografia - anexado ao Departamento de FFLCH - cheguei a promover dois cursos de atualização e um curso de divulgação (sobre o Japão) aberto a qualquer interessado. A abertura à comunidade parece-me ser também algo adequado a atividade universitária, especialmente no caso brasileiro.

Corro o risco de que tudo o que venho dizendo nessa já longa fala ser tomada como um cabotino auto-elogio. Minha intenção é que tudo isto seja visto como uma tentativa de convencer a mim mesmo que estou a merecer honraria que ora me está sendo conferida. Contudo, como desconfio que ainda estou em "débito" prometo continuar trabalhando, estudando, refletindo e ensaiando novas trilhas ainda não experimentadas.

Mas, pode dar-se que alguém venha a inquirir sobre que tipo de contribuição poderá provir de um aposentado de 76 anos. Nos sertões chapadosos do meu Piauí, na tradição do "ciclo do couro" corre um ditado bem significativo: *"Vaqueiro só fala de boi; velho do que já foi"*. Assim poderá ocorrer a muitos que eu vá recordar a Geografia do *meu tempo*, no meio do século que expirou, ressaltar os seus muitos e encontrar defeitos no que se produz agora.

Minha opção será bilateral. De um lado procuro recuar não à metade do século, mas a um passado mais longínquo recorrendo às raízes da Geografia como ciência, ao manancial dos seus fundadores. Refletir sobre os princípios e normas metodológicas que eles preconizaram e que, a despeito das profundas mudanças no conteúdo temático da disciplina, nessas variadas feições outras assumidas na face da Terra, aquelas normas teóricas que sustentava a razão de ser da Geografia.

Pode ser que a Geografia venha tendo um desenvolvimento norteado pela alternância de períodos normais e evolucionários. Mas, creio que à dinâmica da "mobilidade terrestre" assente melhor a sugestão de Fayerabend sobre a vigência de uma "revolução permanente". Há importantes adeptos do físico Kuhn que identificam "novas geografias", apoiados no fato de que, em certos momentos, faz-se necessária uma pausa para *meditação*. Não posso furtar-me ao prazer de introduzir aqui algo que me é muito gratificante, ou seja, estabelecer paralelos sincrônicos entre ciência e arte. Apelo aqui, nesse enfoque, para o Teatro.

Quando estudante na França, no meado do século (1951-1953) o teatro passava por uma fase em que o aburguesamento do teatro de boulevard, de um lado, e o arraigado classicismo da Comédie Française despertavam desejos de mudanças. As tentativas de ilustres teatrólogos franceses (J. Copeau, Ch. Delin, L. Jouvet, J. L. Barrault dentre outros) houve injeções de estrangeiros radicados em Paris, ainda centro cultural por excelência. O romeno Ionesco, o irlandês Beckett e, de certo modo, o francês Jean Genet, lançaram as bases do Teatro do Absurdo. Ali os elementos básicos da arte dramática: (personagens (atores); ação (tema); linguagem (texto); expressão dinâmica (*mis-en-scene*); visual (cenários e costumes); etc., etc.) são submetidos a uma verdadeira "desconstrução". A realidade é modificada de tal modo que ela se vê abolida num jogo de aparências e reflexos. Aqui o "absurdo" torna-se equivalente ao "nada". Deve-se considerar que os citados autores promoveram uma desconstrução para possibilitar a emergência de um novo teatro. Foram autores dotados de um toque de "gênio" que abriram caminho para outras sendas nas artes cênicas. Contudo, vêm os seguidores, imitadores, destituídos de gênio e que desembocam em algo caricato, que aqui no Brasil recebeu o adequado rótulo de "besteira".

Afastado da docência e orientação mas não desplugado do que vem acontecendo e se produz em nossa Geografia, minha impressão é altamente positiva. Ainda recentemente, depondo num Congresso de Geógrafos Espanhóis (Oviedo, 01 a 05.12.2001) dei a opinião de que aquele estágio de 1956, já bastante expressivo, como "a caminho da afirmação" configura-se agora em plena afirmação. O número de eventos e fóruns de discussão geográfica, o número de publicações -dissertações e teses - revistas em variados níveis (graduação, pós-graduação) são fatos que comprovam a vitalidade e a qualidade de Geografia que se faz no Brasil.

Atravessamos ilusórias "revoluções" - quantitativa-teórica, crítica-radical, dos anos cinquenta a setenta - e a proposta de Geografias Novas. Não raro essas propostas podem causar estranheza e, como revisões desconstrutivas, podem chocar, por não serem percebidas em seu conteúdo simbólico e configurar-se como um "absurdo" que alerta para uma premente necessidade de paradigmas teóricos e estratégias operacionais (O ataque aos princípios ou cânones vigentes - os originais e os acessórios).

Fico espantando quando leio uma proclamação de que: *como a natureza já está suficientemente conhecida e dominada, cabe à Geografia ocupar-se do social*. Não deixa de ser "cômica" tal concepção uma vez que, deixando de lado a ação dos agentes internos e específicos de natureza física (vulcanismos, cismos, ciclones e tornados atmosféricos, etc.) constatamos que não temos a capacidade de conduzir a bom termo o problema do escoamento superficial na cidade de São Paulo sob o efeito dos "normal íssimos" aguaceiros de verão. Claro que sobejas provas de conquistas do homem na natureza: o solo nos Países Baixos, a conquista nos desertos em Israel, etc., etc.. Mas o volume dos efeitos negativos estão aí criando em nossa crise geral a Questão Ambiental.

Tal proposta se me configura como manifestação inequívoca da Geografia do Absurdo. Infelizmente, a partir daí descamba-se para outros casos - felizmente ainda limitados que se me configuram como manifestações de Besteira na Geografia.

Na presente e grandiosa "crise histórica" que atravessamos quando se elaboram, simultaneamente uma nova razão, uma nova episteme, todos os campos do conhecimento estão em ebulição e vacilações. Quando ousa apregoar a fidelidade aos princípios básicos que nos foram legados pelos fundadores da Geografia - Ciência tenho em mente preservar a própria razão de ser da Geografia.

No último Congresso da AGB, realizado em João Pessoa (julho de 2002) ouvi do nosso jovem colega da UFRJ - Paulo Cesar Gomes - um dos valiosos nomes da nova geração de geógrafos, a seguinte declaração: "Se a Geografia pretende tratar de tudo é porque ela é nada". Isso reflete bem o estado de perturbação em que nos encontramos.

Durante um certo tempo preocupei-me com o cisma Geografia Física - Geografia Humana (Natural vs. Social) cuja demonstração cabal foi a criação dos nossos Seminários de Geografia Física Aplicada (1984). Esse *apartheid* já se consumou na França, em alguns centros anglófonos, dentre os caros do meu conhecimento. A Geografia dita Física, subsistirá certamente como Geociência mantendo acesa a tocha de sua origem. A Geografia dita Humana poderá dar-se ao luxo de ignorar a natureza. Os da Física não o poderão, em absoluto, pois o Homem, gregário, social é importante agente denovador da superfície terrestre. De minha parte não vejo impossibilidade em conectar os paradigmas de "geossistemas" (natural) e "formação social", opinião defendida por meu grande amigo e colega Armen Mamigoman.

Atualmente, dou-me conta de que problema maior se encontra nos domínios do próprio *Humano* da Geografia. Acontece que essa abordagem tem sido canalizada para a janusiana face externa do Homem. Desde que o determinismo ambiental foi superado pelo determinismo econômico, esta obsessão "materialista" tem resultado numa redução do homem a um conjunto de enredamentos sociais irreversíveis e irredutíveis. Lamentavelmente tem sido negligenciada, quando não ignorada, a face interna do Homem.

Compensando essa atitude tem surgido uma série de abordagens que, sob diferentes vizes, vem sendo englobada na designação de Geografia Humanística. Em abordagem recente, exposta no Seminário ESPAÇO E CULTURA realizado na UNERJ, Rio de Janeiro (23 a 25.10.2002) e rotulado *Interioridade - Exterioridade no Homem Reflexões sobre Tendências Atuais na Geografia e em seu possível papel na construção de um Novo Humanismo*. Ousei ali utilizar a oposição Platão-Aristóteles, das raízes da filosofia (ocidental) na Grécia Clássica e aquela Freud-Marx do Século XIX, para encarecer a necessidade de

entender o que nos revela a face interna - o enfoque da mente dos homens para sondar, a partir do anseio de auto afirmação, o seu comportamento em relação ao espaço circundante.

O poeta piauiense Mario Faustino tem um poema intitulado O Homem e Sua Hora. O momento vivido e as circunstâncias que o envolvem, possibilitam suas escolhas. Quando ingressei na Universidade, no ensino da Geografia, elegi a Climatologia como área de pesquisa. Não porque a preferisse, mas porque naquele momento (meado do século) era a área mais carente. Agora, nesse trecho final da minha já longa travessia, volto-me para o campo da Geografia Humanística, onde o vies da cultura e da interioridade do homem, repousando na corrente filosófica da fenomenologia, vem fazendo adeptos. Para estabelecer relação entre Geografia e Literatura não necessito de verbas e auxílios de agências financiadoras. E algo que posso, prazerosamente, fazer em casa com os meus livros ou nas bibliotecas.

Nesse setor pretendo contribuir para que a Geografia, nessa crise de revisão da *razão* e do *conhecimentos*, venha contribuir para um mais do que necessário NOVO HUMANISMO.

Aos jovens colegas e sobretudo aos alunos que me honram com sua presença nesta sala, eu alertaria para o fato de que na prática da Geografia - como em qualquer ramo do conhecimento - é necessário que se faça eleição de um dado setor, mas que essa vinculação setorial não perca de vista o caráter geral que advém dos seus princípios e enquadramentos metodológicos. E sobretudo, que ao elegerem uma área de especialização, não a considerem como a *verdadeira* e mais *legítima* face da Geografia. A IMAGO MUNDI que perseguimos jamais será alcançada com qualquer visão setorial. Nessa vinculação filosófica repousa o encantamento da Geografia, seja na pesquisa, seja na sua aplicação à Educação.

Muito obrigado pela atenção